

GRANDES TEMAS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

ANTONELLA CARVALHO DE OLIVEIRA
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

ANTONELLA CARVALHO DE OLIVEIRA

(Organizadora)

Grandes Temas da Educação Nacional

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G752 Grandes temas da educação nacional / Organizadora Antonella Carvalho de Oliveira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Grandes Temas da Educação Nacional; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-28-4

DOI 10.22533/at.ed.284180509

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Professores – Condições de trabalho. 4. Professores – Formação.
I. Oliveira, Antonella Carvalho de. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTITUIÇÃO DO TRABALHADOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL – SUA IDENTIDADE ENTRE SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO ATO INTERPRETATIVO	
Silvana Elisa de Morais Schubert Ronaldo Quirino da Silva	
CAPÍTULO 2	16
EDUCAÇÃO MUSICAL: O QUE AS PESSOAS SURDAS NOS DIZEM?	
Tatiane Ribeiro Morais de Paula Patrícia Lima Martins Pederiva	
CAPÍTULO 3	33
A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO PSICOINTELLECTUAL E EMOCIONAL NA INFÂNCIA.	
Tamires Rodrigues Lisaura Maria Beltrame	
CAPÍTULO 4	44
A DESCONSTRUÇÃO DO DIREITO DA CRIANÇA BRINCAR NO SÉCULO XXI	
Isabela Gonçalves de Oliveira Maria Lúcia Vinha	
CAPÍTULO 5	57
ALGUMAS IDEIAS SOBRE AS NECESSIDADES FORMATIVAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Raquel de Abreu Fochesato Quidigno Sérgio Camargo Tania Teresinha Bruns Zimer	
CAPÍTULO 6	65
BRINQUEDO: PRÁTICA INTERDISCIPLINAR EM PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Karolyne Amancio de Paula	
CAPÍTULO 7	73
A APRENDIZAGEM DOS PÓS-GRADUANDOS POR MEIO DE SEMINÁRIOS DE PESQUISA	
Cláudia Sebastiana Rosa da Silva Sônia de Fátima Radvanskei Wilson da Silva	
CAPÍTULO 8	86
A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO CONTEXTO ESCOLAR: NUANCES E REFLEXÕES	
Letícia Schneider Caroline Elizabel Blaszko	
CAPÍTULO 9	96
A AULA-PASSEIO DE CÉLESTIN FREINET E OS CURSOS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: POSSÍVEIS	

ENCONTROS PARA BRECAR A EROÇÃO CULTURAL PRODUTO DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA
(UMA PROPOSTA METODOLÓGICA)

Manoel Adir Borges Kischener
Everton Marcos Batistela

CAPÍTULO 10 108

A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM TURMA DE PRIMEIRO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Karolyne Amancio de Paula

CAPÍTULO 11 121

A TEORIA DA APRENDIZAGEM MEDIADA DE REUVEN FEUERSTEIN: UMA PROPOSTA DE
MÉTODO DE ENSINO PARA OS “CONCEITOS MATEMÁTICOS DE RAZÃO E PROPORÇÃO”
UTILIZANDO PROPORÇÃO ÁUREA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

Isali Lijó
Aldicea Craveiro de Lima Ferreira

CAPÍTULO 12 127

(DES) IGUALDADE DE GÊNERO E CURRÍCULO À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS UNIVERSAIS E
DAS MULHERES

Franciéli Arlt Lopes
Verônica Gesser

CAPÍTULO 13 142

NÍSIA FLORESTA E A CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS PARA MULHER BRASILEIRA POR MEIO DA
EDUCAÇÃO

Isabel Francisco de Oliveira Barion
Gizeli Fermino Coelho
Raquel dos Santos Quadros
Maria Cristina Gomes Machado

CAPÍTULO 14 156

EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E SABERES: A RELEVÂNCIA DA PESQUISA NO CONTEXTO
ESCOLAR EM TEMPOS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Silvia Christina de Oliveira Madrid

CAPÍTULO 15 170

EDUCAÇÃO NO CAMPO: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E ESPECIFICIDADES LOCAIS

Raimunda Maria da Cunha Ribeiro
Enivaldo Assenço de Souza

CAPÍTULO 16 185

EXPOSIÇÃO DE AUTORIAS: ABRINDO CAMINHO PARA LEITURA E ESCRITA - RELEITURA E
COAUTORIA DA OBRA ABRINDO CAMINHO DE ANA MARIA MACHADO.

Genilda Alves Nascimento Melo
Célia Maria Jesus dos Santos
Andreia Quinto dos Santos

SOBRE A ORGANIZADORA..... 197

A AULA-PASSEIO DE CÉLESTIN FREINET E OS CURSOS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: POSSÍVEIS ENCONTROS PARA BRECAR A EROÇÃO CULTURAL PRODUTO DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA (UMA PROPOSTA METODOLÓGICA)

Manoel Adir Borges Kischener

Universidade Estadual de Maringá (UEM),
Maringá, Paraná

Everton Marcos Batistela

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR), Dois Vizinhos, Paraná

RESUMO: o capítulo parte da urgente necessidade de apontar elementos teóricos e metodológicos para a Educação do Campo, um tema ainda em construção. Além do esvaziamento demográfico e problemas de sucessão, a modernização agrícola tem produzido também uma erosão cultural, ou seja, a perda de toda uma gama de saberes tradicionais dos agricultores. O texto é crítico aos modismos pedagógicos e, ao mesmo tempo, à militância política que têm dominado as licenciaturas de Educação do Campo que, na busca por uma oportunidade de formação política esquecem o seu papel de formador de educadores. Assim, propõe-se resgatar Célestin Freinet, um autor francês entusiasta de uma série de iniciativas educacionais no século passado, e resgatar uma de suas iniciativas: a aula-passeio, a partir dos auspícios da pesquisa bibliográfica. Com esta metodologia os cursos de Educação do Campo poderão refletir e resgatar o saber tradicional via visitas aos

espaços que ainda mantêm traços dos saberes do modelo de agricultura que o aluno quiser se associar e desenvolver, podendo fazer uso dos saberes resgatados e/ou despertados. Pensar uma Educação do Campo plural e que dialoga com tendências teóricas diversas contribui para a formação cidadã dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Freinet. Metodologia de ensino. Proposta pedagógica para os cursos de Educação do Campo.

ABSTRACT: the chapter starts from the urgent demand to point out theoretical and methodological elements for Field Education, a theme still under construction. In addition to demographic depletion and farm family succession problems, agricultural modernization has also produced cultural erosion, that is, the loss of a range of traditional farmers' knowledge. The text criticizes the pedagogical fashion and the political militancy that have dominated the Education of the Field graduation that, in the search for an opportunity of political formation, it forgets to graduate of educators. Thus, this chapter proposes to rescue Célestin Freinet, a French author enthusiast of a series of educational initiatives in the last century, and to rescue one of his initiatives: the class-walk, from the auspices of the bibliographical research. With this methodology, the Field Education graduation can reflect and rescue traditional

knowledge through visits to spaces that still maintains traces of the knowledge of the model of agriculture that the student wants to associate and develop, being able to make use of the knowledge rescued and / or awakened. Thinking a plural field education and that dialogues with diverse theoretical tendencies contributes to the student's citizenship formation.

KEYWORDS: Freinet. Teaching methodology. Pedagogical proposal for the courses of Field Education.

INTRODUÇÃO

Se em tempos atrás o campo estava cheio, hoje, com a crescente industrialização da agricultura e, mesmo modernização intensificada especialmente depois da “Revolução Verde”, o dilema, que se apresenta, é saber se alguém quer, deseja permanecer nesta atividade, pois, além das poucas condições de sucessão, que têm criado vazios demográficos.

A recente agricultura apresenta outro imperativo, a questão cultural, ou seja, os valores, as práticas, os saberes, as estratégias, as sociabilidades, enfim, o meio de vida que antes era tradicional, agora moderno, põe-se em risco de desaparecer mediante as últimas transformações.

Nesse sentido, a Educação do Campo enquanto uma política pública ainda incipiente e carente de análise e até rumo conforme se constata na “diversidade” de cursos que existem país afora, poderá aproveitar os ensinamentos de Célestin Freinet como sugestão para breçar um dos aspectos da já agravada incursão da modernização agrícola que, traz inúmeros benefícios aos agricultores, mas produz uma deterioração daquilo que era útil e educativo às famílias de agricultores e que passava-se de uma geração a outra, ou seja, aqueles saberes identitários ligados ao fazer da vida no campo da agricultura tradicional.

No entanto, alerte-se o leitor que os autores não têm a intenção de contrapor-se ao modelo que está em voga, da modernização agrícola, pois este processo foge ao seu alcance e, apesar de estar provocando significativas perdas culturais, problemas ambientais, êxodo rural e até desemprego, também traz benefícios de acesso a renda e serviços antes permitidos apenas aos cidadãos, portanto, tem-se constituído em espaço de desenvolvimento e, como este é um processo dinâmico, tem seus *prós* e *contras*.

O que tem se possibilitado, nos cursos de Educação do Campo, quase sempre, é o mesmo olhar. A proposta deste capítulo, nesse sentido, vai ao encontro de uma pluralidade de orientações metodológicas para que os futuros professores desta área possam contribuir efetivamente para a melhoria das pessoas do campo e não pela busca sádica de colocar a realidade destas comunidades dentro da teoria.

Célestin Freinet foi um pedagogo e anarquista francês, nascido em Gars a 15 de outubro de 1896 e que faleceu em Vence, em 8 de outubro de 1966. Seguidor

do Movimento Escola Nova, mas que disseminou uma série de práticas totalmente independentes e ousadas para sua época, como bom anarquista que foi. Um institucionalista, inovador na pedagogia, como o vê Barembliitt (2011).

A *aula-passeio* poderá servir de instrumento aos futuros professores formados a partir dos cursos de Educação do Campo, nas escolas rurais, do campo, que desejarem adentrar a realidade de suas redondezas, qual seja, a da própria comunidade e, assim, junto com políticas públicas contribuir para a manutenção de mais jovens, desde que a escola que frequentam não seja apenas lugar de educação formal e, que permita que a educação não-formal também se desenvolva.

Portanto, é da possibilidade do encontro da técnica metodológica de Freinet com/ para os cursos de/a Educação do Campo, como forma de frear a erosão cultural que está em curso no campo, fruto da modernização agrícola, que a consideração buscará tratar.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste texto busca-se no entremeio das lembranças pessoais do primeiro autor, da memória coletiva, narrar a partir de parte da história de uma família de agricultores oriundos do Médio-Alto Uruguai gaúcho (dos anos de 1940 a 1980, aproximadamente) e, através desta recuperar as estratégias adotadas.

Este foi o artesanato intelectual, como sugere Martins (2013, p. 11) que pode lançar mão “(...) até mesmo de invenção de técnicas de pesquisa e de exploração do rico filão de possibilidades”, que há, neste caso, nas histórias daqueles que vivem no meio rural.

Far-se-á também uso da pesquisa bibliográfica, portanto, ampara-se em bibliografias sobre a obra de Freinet e propriamente uma de suas contribuições.

HISTÓRIAS CULTURAIS ANTES DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA E A POSSIBILIDADE DE RETOMÁ-LAS COM CÉLESTIN FREINET E A AULA-PASSEIO

História de Práticas e Saberes na Agricultura Tradicional

Era época em que se necessitava de braços para a lavoura, famílias grandes, era regra, como em Itaberaí (GO), “Os filhos eram uma espécie de investimento dos casais, daí o adágio: ‘Filhos são a riqueza do pobre’. Uma prole numerosa tinha relação direta com a intensificação das atividades produtivas da família”, pois “(...) quanto mais filhos, maior a quantidade de braços para o trabalho” (MARIN, 2008, p. 119).

Produzia-se praticamente tudo, por vezes se ouvia essa expressão “(...) *só comprávamos querosene e sal*”, dada a autossuficiência que caracterizava este “tipo” de agricultura. Terras ainda férteis, a utilização de pousios relativamente longos, depois de derrubada desta capoeira, em geral, só com machado e foice, a ação do

fogo põe fim no pequeno capão, fazendo, novamente a roça de capoeira, prática amplamente utilizada ainda na região em meados dos anos 1970.

Mas que se indique, havia a autossuficiência, mas esta não era uma agricultura que buscava aportes de renda, portanto, diferente da *corrida do ouro* que ocorre atualmente. *Ouro* nesse caso é a soja. Como define-a Soares (2004, p. 3): “Essa prática se constitui em uma nova corrida do ouro, só que dessa vez é o ‘ouro verde’ ou o ‘ouro do cerrado’, como chamam a soja no Mato Grosso”. Muitos até brincam com a expressão que antes seria a *agricultura* tinha a ver como a prática em se tratando de algo passado de pai para filho, cultural, portanto; e agora seria o *agronegócio* como uma forma de busca de lucro, um negócio especializado e, indiferente se geracional, pois qualquer um poderá praticá-lo, desde que domine técnicas e possua os recursos necessários fará a agricultura.

Era uma cultura alimentícia (a agricultura, para se alimentar, o sustento, com pouco comércio ou troca, apenas com o excedente) essencialmente, agora em processo de crescente mercantilização de quase todas as instâncias da vida social, como se fosse uma nova sociabilidade do capitalismo (STREECK, 2012), determinando a vigência de um novo padrão na agricultura (na maioria das regiões do Brasil) que vem “(...) respondendo a um processo de multiplicação de mercados e de monetarização da vida social” (BUAINAIN et al, 2013, p. 112) e, da transformação econômica e cultural destas em *commodities* (com a maior parte da produção voltado ao comércio, exterior). A *commoditização*, ou a transformação de produtos agrícolas, especialmente em mercadorias é fruto da globalização recente, da liberalização dos mercados. Sobre esse processo, conferir (LONG, 1986).

Plantava-se milho, feijão, arroz de sequeiro, trigo, batata doce, pipoca, amendoim, ervilha, vassoura, cana de açúcar, mandioca, abóbora e moranga, mogango, melão e melancia, fava, quase sempre de forma consorciada, estratégia para uso racional da terra, pequena, relevo acidentado; as demais verduras na horta (com as “miudezas”, verduras, chás, condimentos etc.), mais próxima da casa.

A ideia de se fazer pousios, dado o tamanho pequeno da terra, sequer era considerada. Criava-se de tudo um pouco, desde galinhas, patos e porcos (desde a matriz geradora, para a banha e capões para engorda).

Junta de bois e, pelo que se lembra sem vaca para o leite, existia, enfim, uma “biodiversidade doméstica” de animais (DIGARD, 2012), tanto para trabalho (bois), proteção e guarda da moradia (cães e gatos) e para alimentação (aves em geral e porcos); das plantas aos animais, se concretizava, na prática, o “plantar, criar, comer” (MENASCHE, SCHMITZ, 2009).

A preparação da terra se dava por aração com junta de bois, depois da roçada e queima, se fosse o caso, plantio com máquina manual; o milho era dobrado, ficando na roça, plantando-se o feijão no meio das carreiras espaçosas (eram variedades que necessitam de espaçamento maior do que as da agora).

A *dobra* consistia em dobrar o pé de milho logo abaixo das espigas, depois de

maduro. Desta forma se possibilita o plantio de outra variedade de planta, por exemplo, o feijão, de forma consorciada (no meio, no espaçamento das carreiras). Com isso melhor se utiliza a terra e, pode-se deixar por mais tempo na lavoura (facilitando no caso de não se ter galpões ou paióis para armazenar).

A família toda se envolvia, os irmãos mais velhos na lavrada, as irmãs plantavam, os mais novos na capina, juntamente com os pais, pois o trabalho na terra também é “(...) uma forma de gerar um modo de vida que se produz e se transmite entre as gerações” (MARIN, 2008, p. 113).

As primeiras lembranças estão associadas a ir levar água aos mais velhos ou mesmo uma merenda, lá pelas nove horas da manhã, pois se começava a trabalhar muito cedo, depois das cinco e, se ia, em geral, “até enxergar”, ao escurecer. Horário de verão nunca existiu, ou foi seguido naquela região.

A “limpa” através da capina e, mesmo por arado, com bois, quando o milho ainda estava pequeno, também se dava arrancando a mão, preferencialmente em dias de chuva, levando até o limite da propriedade, ou mesmo colocando os inços com as raízes para cima, assim impedindo que se “pegasse” novamente. Nesta atividade se envolviam todos.

A colheita depois da dobra do milho se dava “quebrando” de forma manual, carregado por carroças cheias “até com carreiras” de espiga para aumentar a capacidade da carroça, “trilhando” com trilhadeiras movidas a motores comuns, em geral à óleo diesel e acionando com manivela, em conexão com a máquina através de correia de borracha.

Por vezes ocorria troca de dias ou mesmo algum auxílio ou mesmo “puxirão”, onde os vizinhos ajudavam.

Eram tempos de árduo trabalho e, essas ocasiões poderiam representar alguma sociabilidade, pois lazer nestes tempos quase que se resumia a ir aos cultos aos domingos e “dias santos”.

O filó talvez fosse o momento propriamente dito de lazer ou ainda, as novenas realizadas de casa em casa. Essa era a prática ou hábito de visitar os vizinhos, nesta região, especialmente à noite, para conversar e mesmo confraternizar e partilhar alguma refeição. Aos adultos não era reservado tanto lazer ou, nas percepções que se tem agora desta atividade, em geral, jogo de bochas (em cancha ou “48”) e, para as mulheres a “reza” (que não se constituía só em encontro para oração e, também em oportunidade para se inteirar das novidades). O jogo de 48 com bochas diferentemente do mais comum que é rolando bochas em cancha plana e reta, em geral coberta, este se dá com a disposição de um círculo que pode ser em cima de um cepo de madeira ou elevação do solo ou de concreto, onde as quatro bochas ficam dispostas em círculo em forma de cruz, ou seja, uma a frente da outra e/ou dispostas ao lado do balim (bocha menor) ao centro; o jogador deverá preferencialmente tirar do círculo o balim, atirando a bocha de distância previamente estabelecida, em geral, pelo menos 12 metros.

Para as crianças, uma série possibilidades potencializadas especialmente a partir da confecção de seus próprios brinquedos (como da planta jacaratiá (*A carica quercifolia*, da família *Caricaceae*) pode ser utilizada também para fazer doces, com a parte interna do tronco, ralada, substituindo o coco, conferir Backes, Irgang (2002, p. 96), por ser de fácil manuseio no corte, tendo sua composição mole), jogando pedrinhas ou “bolitas” (bolinhas de gude), brincando com bois, lavrando ou no potreiro, deslizando de algum pequeno moro com “casca de coqueiro”, fazendo carrinho de madeira com rodas cerradas de toras as mais redondas possíveis, de esconde-esconde, andar a cavalo, nadar e pescar (nos córregos, sangas e rios ou açudes), caçar (nas matas da vizinhança e beiras de rio), armar arapuca etc., desta forma, cá, como lá (Itaberaí, Goiás) “(...) a infância tornava-se uma fase da vida dedicada ao aprendizado dos principais conhecimentos e significados da vida” (MARIN, 2008, p. 119), brincando e aprendendo. A arapuca é armadilha geralmente confeccionada a partir de taquara (bambu) para aprisionar pássaros, depois de ceva (processo de cevar, isto é, deixar alimentos para os pássaros se aproximem, que sejam amansados).

Ouvia-se muito rádio também; a música: regional do Rio Grande do Sul, a caipira, também as étnicas, as bandinhas alemãs. Televisor era algo de luxo, muito raros no meio rural de então. Automóveis, então, só quem fosse “grande” proprietário.

Benzer, ir a curandeiros buscar remédios caseiros, adotar simpatias, disseminar estratégias das mais simples, como curar/sarar o pescoço dos bois de canga (“mijando” logo cedo, depois de acordar... se acreditava que essa urina, mais espessa e escura, continha mais sais e cicatrizava o “pisão” dos bois), castrar (mesmo porcas em verdadeiras cirurgias), tudo isso se aprendia, vivendo, aprendendo.

Ainda em se tratando de estratégias, desde fritar a carne do porco em tachos e deixar em latas com a banha junto, mantendo por meses em qualidade original, fazer o charque (fumaceado acima do fogão a lenha), guardar sementes, fazer ajutórios e trocar dias, emprestar alguma máquina, por exemplo, de fazer quirera, a troca de carne, sempre tendo carne fresca quando algum vizinho carnear, a troca de favores aproximando-se de algum político (partidário, em geral da situação) etc. No entanto, a educacional era pouco utilizada e, de veras, desestimulada, pois os “braços” deveriam concentrar na lavoura, na lida.

A Aula-Passeio de Célestin Freinet Como Possibilidade de Resguardo de uma Memória Cultural e Caminho À Educação do Campo

O educador francês desenvolveu e incentivou uma série de metodologias e procedimentos pedagógicos, dentre tantos, a *aula-passeio*, a imprensa escolar, o texto livre, o livro da vida e a correspondência interescolar. Partindo de uma citação de Legrand (2010) poderá se apontar uma série de reflexões pertinentes à Educação do Campo e que se aproximam de uma perspectiva plural e de diálogo com outras realidades e referenciais teóricos:

(...) é a necessidade imperiosa, experimentada física e psicologicamente, de sair da sala de aula em busca da vida existente no entorno mais próximo, o campo, e em contato com a prática artesanal que ainda se encontra neste meio. (...) a aula-passeio, com a finalidade de observar o ambiente natural e humano. De volta à sala de aula, recolhem-se dessa observação os reflexos orais, tendo em vista a criação de textos, que serão corrigidos, enriquecidos e constituirão a base para a aprendizagem das habilidades básicas tradicionais necessárias ao aperfeiçoamento da comunicação (LEGRAND, 2010, p. 15-16).

Portanto, a partir da saída de sala que, muitas vezes acaba sendo espaço de mero confinamento e ir à busca do real, do concreto, especialmente nas áreas rurais, com tantos espaços e possibilidades de observação e mesmo intervenção, dentro da comunidade, os arredores da escola, ou mesmo nas moradias dos familiares dos estudantes.

Das saídas aos encontros, que poderão ser pequenos na dimensão macro, mas gigantes na micro, no poder fazer, no imediato, pois, “(...) o que realmente constitui o motor da história como mecanismo da mutação permanente é o acaso, são os grandes encontros e eventos inesperados, imprevisíveis, radicalmente novos” (BAREMBLITT, 2010, p. 126), assim a história, a educação, terão sentido aos alunos.

De que forma se poderá resgatar e atribuir importância às práticas antes comuns, por exemplo, dos mutirões, hoje esquecidas? Do filó, da troca de carne, da troca de sementes, dos espaços de lazer e de solidariedade, de socialização, típicos das comunidades rurais, ao menos antes da modernização e mercantilização da agricultura?

Voltar à sala de aula depois de uma visita assim imaginada poderá trazer uma série de elementos, conforme a citação atrás evidenciou: a percepção dos estudantes, os relatos orais que posteriormente poderão se transformar em questionários ou mesmo entrevistas de seus próprios familiares, vizinhos, parentes e, desta forma, a partir de uma primeira aproximação à realidade, com a *aula-passeio*, poderá se realizar uma pesquisa, introduzir os estudantes no mundo da ciência e, mais, assim estes se sentirão parte desta, adquirirão toda uma comunidade de sentidos.

Outra contribuição que poderá render bons mecanismos de aprendizagem é a própria escrita e a reescrita após a correção dos professores (por exemplo, em atividade interdisciplinar), assim estimulando aos alunos a desenvolver e aperfeiçoar a escrita, a leitura, a comunicação. Situação possível, desde que os alunos se disponham ao trabalho e os professores, à orientação.

Qual papel os professores poderão desempenhar? Terão a oportunidade de crescer e se permitir a ampliar sua área de atuação e mesmo formação, isso se não ocorrer cerceamento de ideias, cooptação, quando não a imposição de um marxismo vulgar que têm se disseminado amplamente nas Universidades públicas e muito nos cursos de Educação do Campo. “Cada cabeça uma sentença” afirma o provérbio popular. Mas, se se permitirem, os professores poderão aprofundar o debate e dar vazão aos desejos que sendo normais por mais conhecimento, próprio dos ambientes universitários (e não de doutrinação, logo fechamento em si mesmo, numa só teoria),

surgirão novas teorias, novos autores e, por que não?!, velhos autores, os clássicos. Desta forma, ambos, professores e alunos ganharão e o conhecimento e a sociedade também.

E os temas possíveis desta *aula-passeio*? Observar, mas não descompromissadamente. Poderá ser na primeira saída de “campo”. É importante o planejamento, e certo direcionamento a turma, em temas prementes e necessários a atual realidade agrária do Brasil, em especial na região Sudoeste do Paraná, em evidência a sucessão geracional na agricultura, por exemplo, ou o resgate da história da comunidade, enfim, tais temas baterão a porta, dada a urgência do debate e a própria sensibilização dos alunos a respeito desta temática, desejante ao próprio desenvolvimento das localidades em que estão inseridos.

São muitos os temas que estão à vista na realidade da agricultura do Sudoeste do Paraná, já que fora referenciado. Esta região tem mantido um “tempo quente” em relação a questão agrária, desde a *Revolta dos Posseiros* (1957), a fundação de movimento social nos anos 1980, o Movimento dos Sem-terra (MST) que busca a distribuição de terras. Mais recentemente o Sudoeste do Paraná convive com a acentuada luta que se têm mantido envolvendo acampados do MST *versus* empresas de reflorestamento, vide a efervescência na região de Quedas do Iguaçu.

Um alerta sobre as organizações sociais do campo: o que se percebe, no entanto, nestas organizações sociais, muitas vezes (o primeiro autor teve sua família assentada), são líderes que buscam capitalizar garantias políticas a si mesmos do que efetivamente a luta por melhoria das condições destas pessoas), fazendo mais uso dos acampados e posteriormente assentados, de forma política do que efetivamente a ação de comprometimento com os intentos e sonhos destes.

Que se afirme também que esta é uma região rica em experiências de assessoria e mesmo extensão voltadas aos considerados “pequenos agricultores” ou “familiares”. Mas também que se atente aos locais que se possa *visitar* ou *passar em aula*, como se pode entender da metodologia de Freinet, pois como constataram Kischener, Simonetti e Bertella (2014) em visitas e análise de entidades que tratavam da “Agroecologia” (uma destas localizada na região Sudoeste do Paraná). A respeito de uma destas entidades, confessam:

A visita realizada foi apenas na propriedade de um dos técnicos (modelo), ficando a dúvida sobre a efetividade da transmissão de conhecimentos nos demais estabelecimentos. A produção de mudas de hortaliças para os produtores do município de Verê fica em parte concentrada também nesta propriedade (KISCHENER, SIMONETTI e BERTELLA, 2014, p. 102).

O que se pode depreender da citação? O que ocorre muitas vezes quando universitários guiados por algum professor que busca ir além da teoria e dos “muros” da sala de aula (possibilitar aos alunos experiências além muros e conhecer realidades), que muitas vezes não se encaixam na teoria. Estas normalmente são direcionadas aos *locais modelos* dos movimentos, ou *espaços de esquerda*.

A maior parte da Universidade está contaminada com um marxismo vulgar, o chamado *marxismo cultural*, que agora busca alargar-se na vã tentativa de perceber aquilo que a linha determinista econômica recusou-se a abranger em décadas passadas. No caso da visita à dita entidade que *fazia* “Agroecologia”, a ente e o técnico “vendiam” uma imagem que não correspondia a realidade dos demais agricultores *assessorados pela experiência visitada*. Mas se difundia justamente essa ideia, talvez para propagandear e captar recursos e fomentar espécie de guerra imaginária e até idílica que vivem muitas destas entidades, negando o presente e se consorciando a experiências descoladas da realidade dos agricultores.

Que se tome cuidado, portanto, possibilitando aos alunos visitar locais não hegemônicos e *batidos*, ou seja, aqueles que os movimentos sociais fazem uso para propagandear seus ideais aos apoiadores culturais (estudantes e professores universitários tem sido os mais receptivos às suas defesas) e os apoiadores econômicos (os órgãos financiadores, muitas vezes, a classe média europeia com *crise de consciência* e, mais recentemente, a disputa por dinheiro público, nas disfarçadas ONGs que adentram esse espaço e mais fazem militância do que propriamente ação nestes locais). A respeito do *financiamento* do MST escreve Martins (2016, p. 49):

Não tenho certeza de que hoje as ações do MST sejam financiadas com recursos públicos, mesmo na forma de crédito ou financiamento de suas cooperativas. Nos últimos anos, em face de denúncias, os controles aumentaram e restrições foram estabelecidas. É mais provável que os recursos para essas ações venham de contribuições decorrentes dos resultados econômicos positivos da reforma agrária do governo, mediante doações, voluntárias ou não, dos assentados. Além disso, é pouco provável que o MST não receba doações de organizações internacionais, sobretudo organizações católicas na Itália e protestantes na Alemanha.

As grandes visitas, tentativas de *aula-passeio* poderão, portanto, ser férteis se se permitir visitar propriedades de agricultores, como demonstrado no exemplo de Perondi et al (2009). No caso citado, trata-se de uma família de agricultores que, muito para além de ter “consciência de classe” têm arremangado as mangas e ido ao trabalho, muito esforço e apostas certas acabam por premiar anos de labuta.

Aqui não se faz nenhuma apologia, ao contrário, ter “consciência de classe” como afirmam os marxistas, auxilia, organiza muitos agricultores. O problema é que justamente esse é quase sempre o único aspecto tratado pelas ditas entidades de assessoria contaminadas por esse ideário e esquece-se da realidade da comunidade que o agricultor está inserido e mesmo no aspecto amplo, vive-se a modernização da agricultura com um capitalismo que tem se moldado e transformado. São outros tempos, mas as ideias e “receitas” insistem em ser as mesmas, antigas e, muitas vezes que já não deram certo.

Quanto a *aula-passeio*, Araújo e Praxedes (2013) entendem a metodologia de Freinet como base, também, para a educação não-formal, assim, vem ao encontro à defesa desta breve consideração a respeito das metodologias que podem contribuir na Educação do Campo, pois é na origem do egresso-perfil do curso que se desenvolvem

estas práticas, por exemplo, na agricultura, na família, nos espaços da comunidade, de vizinhança, movimentos sociais, mesmo que, a cada vez mais, com a mercantilização da vida social (STREECK, 2012) adentrando os espaços rurais se sobrepõe a estas práticas milenares, como já exposto, que ora o capitalismo tem dificultado e desestimulado, na crescente individualização da vida coletiva.

Pois, o sair de sala, buscar a realidade daqueles que ainda vivem nas áreas rurais, no campo para essa comunidade de sentido, é essencialmente uma prática de educação não- formal que privilegia as pessoas, a comunidade.

Portanto, lançando-se mão de metodologia da *aula-passeio* e também combinando com outras, como a abordagem da diversificação dos *meios de vida* como um método de estudo das alternativas de vida no meio rural (PERONDI e SCHNEIDER, 2012) se poderá enriquecer significativamente o *currículo* e a vida destes alunos e professores. Muitos são os *meios de vida* que se utilizam os agricultores que têm conseguido fazer frente e mesmo se integrar ao modelo atual de agricultura, mantendo parte das características da vida na agricultura tradicional.

Escreveu Freinet, apontando pistas do que pode se encontrar em uma *aula-passeio*:

Observávamos os campos nas diversas estações: no inverno, víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos, como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o inseto, a pedra ou o regato. Sentíamos-los com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave mor (FREINET, 1975, p. 23).

Pode-se buscar outra série de questões, pertinentes a Educação do Campo e a realidade agrária brasileira. Porém, para este espaço basta como provocação ao diálogo.

CONCLUSÕES

Este foi um relato para o exercício da memória e registro que pode ilustrar as recentes transformações da agricultura brasileira (com os limites do tamanho deste texto), pois, quase tudo que foi narrado não faz mais parte do presente, salvo raras exceções em algumas regiões.

São duas fotografias do mesmo lugar (BOLLIGER, 2014), daquele modo de vida e para onde vai a agricultura brasileira, pois, a recente “(...) espetacular ‘máquina de produção de riqueza’ em que foi transformada a agropecuária brasileira” (NAVARRO, 2016, p. 34), têm perdido todos aqueles saberes (como a dobra do milho, hoje se colhe assim que estiver seco, e planta-se novamente, fazem-se duas safras no mesmo ano), que foram dispensados e perderam-se no tempo ou permanecem apenas na memória dos mais velhos. Uma outra agricultura se desenhou, com menos pessoas, mais

exitosa no sentido da produção de riquezas, mas com um processo de erosão cultural se estabelecendo.

E os elementos da metodologia da *aula-passeio* desenvolvida e disseminada por Célestin Freinet como possível sugestão a ser adotada também nos cursos de Educação do Campo poderão breçar esse processo. Por tratar-se de curso de licenciatura especialmente voltada para egressos de movimentos sociais do campo e filhos de agricultores entre outros, tal método poderá contribuir na aproximação e no sentido na docência que os futuros professores poderão desenvolver em suas realidades de origem.

Cada vez mais se torna necessário dar sentido à prática educativa e esta será cobrada de forma mais veemente na Educação do Campo, seja para dar maior visibilidade à área ainda em formação, seja para responder a demanda que os movimentos sociais e as populações do campo encaminham. Aliado ao desafio cada vez mais estimulante da permanência na terra, em tempos que as áreas rurais passam a sofrer decréscimos populacionais, portanto, a *aula-passeio*, dentre outras técnicas pedagógicas conhecidas poderá auxiliar o professor nesta empreitada.

Por fim, alerta-se que ao leitor que este breve texto não intenciona entrar na seara que muitas vezes tem cerceado a disseminação de práticas pedagógicas que têm dado certo, isto é, aqui não se buscou fazer uma defesa de uma em detrimento de outra, apenas informar e reabrir o diálogo, a partir das quase infinitas possibilidades que Freinet apresenta em sua vasta obra prática. Pois, como ele próprio alerta do perigo das teorias fazedoras de nós: “É certo que em qualquer ofício há uma técnica a ser dominada. E é dominada não com truques ou sortilégios, mas segundo leis simples e de bom senso, pois nunca há contradição entre ciência e técnica, por um lado, e bom senso e simplicidade, por outro” (FREINET, 2004, p. 12).

A *aula-passeio* e os cursos de Educação do Campo, sim, podem se encontrar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Magnólia F. F. de; PRAXEDES, Gutemberg de C. A aula-passeio da pedagogia de Célestin Freinet como possibilidade de espaço não formal de educação. **Ensino em Re-Vista**, v. 20, n. 1, p. 243-250, jan./jun., 2013.

BACKES, Paulo; IRGANG, Bruno. **Árvores do Sul**: guia de identificação & interesse ecológico. Santa Cruz do Sul: Clube da Árvore/Instituto Souza Cruz, 2002.

BAREMBLITT, Gregorio. (Coord.). **O inconsciente institucional**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2011.

BAREMBLITT, Gregorio. **Introdução à esquizoanálise**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2010.

BOLLIGER, Flavio. Brasil agropecuário: duas fotografias de um tempo que passou. In: BUAINAIN, Antônio M. et al. (Editores técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: Embrapa, 2014, p. 1049-1080.

BUAINAIN, Antônio M. et all. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro. **Revista de Política Agrícola**, ano XXII, nº 2, Brasília, abr./mai./jun., 2013, p. 105-121.

DIGARD, Jean-Pierre. A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. Trad. Bernardo Almeida e Guilherme M. Fagundes. **Anuário Antropológico**, 2011-II, Brasília, 2012, p. 205-223.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Trad. J. Baptista. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Trad. Silva Letra. 4ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

KISCHENER, Manoel A.; SIMONETTI, Danieli; BERTELLA, Elize. A agroecologia entre a realidade e a teoria: encontros e desencontros entre a institucionalização, a prática e a militância. **Colóquio**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2014, p. 97-111.

LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet**. Trad. José G. Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LONG, Norman. Commoditization: thesis and antithesis. In: LONG, Norman et all. **The commoditization debate: labour process, strategy and social network**. Wageningen: Agricultural University of Wageningen, 1986, p. 8-23.

MARIN, Joel O. B. Infância camponesa: processos de socialização. In: NEVES, Delma P.; SILVA, Maria A. de M. (Orgs.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil. Vol. I: Formas tuteladas de condição camponesa**. São Paulo: Editora da Unesp; Brasília: NEAD, 2008, p. 113-134.

MARTINS, José de S. **Do PT das lutas sociais ao PT do poder**. São Paulo: Contexto, 2016.

MARTINS, José de S. **A sociologia como aventura: memórias**. São Paulo: Contexto, 2013.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila C. Agricultores de origem alemã: trabalho e vida. In: GODOI, Emilia P. de; MENEZES, Marilda A. de; MARIN, Rosa A. (Org.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. Vol. I: Construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: UNESP, 2009, p. 163-184.

NAVARRO, Zander S. de. O mundo rural no novo século (um ensaio de interpretação). VIEIRA FILHO, José E. R.; GASQUES, José G. (Orgs.). **Agricultura, transformação produtiva e sustentabilidade**. Brasília: Ipea, 2016, p. 25-63.

PERONDI, Miguel A.; SCHNEIDER, Sérgio. Bases teóricas da abordagem de diversificação dos meios de vida. **Redes**, v. 17, n. 2, p. 117-135, maio/ago., 2012.

PERONDI, Miguel A.; KIYOTA, Norma; AGUIAR, Audrey M. L.; COLETTI, Vinícius D.; SIMONETTI, Danieli. A estratégia de diversificação dos meios de vida: o estudo da trajetória de uma família no Sudoeste do Paraná. In: **47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 26 a 30 de julho de 2009. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 1-17.

SOARES, Wagner L. Do rural para o rural: “a corrida do ouro verde”. In: **I Congresso da Associação Latino Americana de População**, ALAP, realizado em Caxambú, MG, Brasil, de 18 à 20 de Setembro de 2004. Disponível em: <http://www.alapop.org/alap/images/PDF/ALAP2004_256.pdf>. Acesso em 02/06/2017.

STREECK, Wolfgang. How to study contemporary capitalism? **European Journal of Sociology**, v. 53, p. 1-28, may./2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-28-4

